

INÍCIO > DIREITOS HUMANOS

MONITORAMENTO

ONG lança plataforma on-line com dados sobre covid-19 entre indígenas

Primeira morte de indígena por coronavírus no Brasil não foi registrada pela Sesai por ocorrer fora de aldeia, no Pará

Catarina Barbosa

Belém (PA) | Brasil de Fato | 06 de Abril de 2020 às 18:10

Ouçã o áudio:



00:00



Indígena com hori, instrumento kanamari, na Terra Indígena Vale do Javari, no Amazonas - Marcos Wesley de Oliveira/ISA

O Instituto Socioambiental (ISA) lançou, na última sexta-feira (3), uma **plataforma que acompanha o avanço do novo coronavírus entre os povos indígenas**. Apesar de a

as respiratórias.

Pesquisador do Programa de Monitoramento de Áreas Protegidas do ISA, o antropólogo Tiago Moreira explica que, além do mapa dos municípios atingidos pela pandemia, o site traz também dados sobre a organização da saúde indígena, a exemplo dos distritos sanitários indígenas e dos pólos-base.

Até o momento, em todo o Brasil, foi confirmado **um óbito por coronavírus entre indígenas**. Falecida em 19 de março, a mulher de 87 anos era da etnia Borari, de Alter do Chão, distrito de Santarém, no Pará. Por ser de uma indígena não aldeada, a morte não foi contabilizada pela Secretaria Especial de Saúde Indígena (Sesai), órgão federal responsável por apresentar os dados oficiais que a ONG traz em sua plataforma on-line.

"A Sesai só realiza o atendimento à população indígena que vive na zona rural. A gente não tem um jeito de monitorar os casos da população indígena que vive nas cidades, que são atendidos pelo SUS [Sistema Único de Saúde] e no dado dos boletins das secretarias estaduais de saúde não tem a discriminação se é indígena ou não indígena. Então, logo depois, lá no site, a gente colocou um bloquinho sobre os indígenas nas cidades", explica Moreira.

A morte da indígena foi a primeira registrada no Pará, estado que, nesta segunda-feira (6), contabilizou **mais três óbitos, todos em Belém: duas mulheres de 50 e 100 anos de idade e um homem de 41 anos**.

Vulnerabilidade indígena

Ao defender um monitoramento cuidadoso dos casos de coronavírus entre os povos tradicionais, o antropólogo Tiago Moreira destaca a vulnerabilidade dos indígenas a doenças infectocontagiosas.

"Os indígenas são uma população bastante vulnerável a esse tipo de doença infectocontagiosa e é uma vulnerabilidade que não vem tanto da suscetibilidade imunológica dessas populações, já que esse é um vírus novo e qualquer pessoa é tão vulnerável quanto eles, mas por condições socioculturais específicas que esses povos vivem. Você tem a realidade de boa parte da população indígena que vive em locais bastante afastados. A estrutura de atendimento de saúde preparada para essas populações é bastante precária. A gente resolveu criar essa plataforma para poder colocar tudo isso em perspectiva para poder acompanhar de perto como a epidemia está evoluindo e também ter um uma plataforma articulada para poder, a partir da constatação da situação, fazer pressão para que essas populações sejam atendidas de uma melhor maneira".

iniciou uma campanha para arrecadar doações como forma de auxílio durante a pandemia do novo coronavírus. Por sua vez, os **povos indígenas do Sudeste brasileiro** também estão arrecadando alimentos. A doação pode ser feita nos pontos de coleta.

"Tem também uma parte (do site) em que as pessoas podem conhecer iniciativas indígenas e colaborar com essas iniciativas, já que muitas delas são voltadas para o recolhimento de dinheiro, de doações, para garantir que essas populações possam ter mantimentos e recursos para poder lidar com esse isolamento", explica Moreira.

Risco de dispersão

Comumente, mesmo fora de epidemia, boa parte dos indígenas mantém pouco contato com as populações urbanas. O antropólogo Tiago Moreira lembra que viver em isolamento não é algo novo para os povos, uma vez que vários viveram situações graves de epidemias, o que os levaram a se isolarem para sobreviverem. Contudo, o isolamento poderá provocar a dispersão dos grupos indígenas na floresta.

"Ao longo da história, uma das estratégias adotadas foi a do isolamento e a de abandonar aldeias, aldeamentos. Então, a gente tem ao longo do Brasil colonial muitas mortes com dados de populações inteiras sendo dizimadas por gripe, varíola, mas tem também uma estratégia de dispersão dessas populações. Então, agora a gente acredita que, além dessas iniciativas de fortalecer as comunidade através de doações e de recursos para manter o isolamento, a gente acredita que, nesse momento, têm muitas populações indígenas que estão procurando fazer essa dispersão, estão voltando para a floresta para poder se proteger em relação a essas epidemias", explica.

Edição: Camila Maciel

242

RELACIONADAS

Coronavírus e agricultura: a realidade de quem coloca a comida no seu prato

Para enfrentar coronavírus, povo Munduruku traduz informações para língua nativa



Todos os conteúdos do Brasil de Fato podem ser reproduzidos, desde que não sejam alterados e que se dêem os devidos créditos.